

No "Liberdade" e "Luís Cabral"

Ódio aos bandidos armados



Bandidos armados apresentados aos moradores do Bairro «Liberdade»

Habitantes dos bairros «Liberdade» e «Luís Cabral», na capital do País, manifestaram o seu ódio aos bandidos armados em comícios ali realizados no último sábado. Falaram sobreviventes de acções terroristas praticadas por aqueles inimigos do Povo e, por fim, oito bandidos armados em cada um dos bairros, foram apresentados às respectivas populações.

Os relatos das barbaridades praticadas fez com que, no Bairro «Liberdade», alguns elementos da população espancassem bandidos armados numa acção relâmpago. A situação foi rapidamente contida quando os bandidos foram conduzidos, sob protecção das Forças Armadas de Moçambique, para a viatura e dali saíram.

Texto de Augusto Casimiro • Fotos de Nafta Ussene e «Notícias»



Jaime Levi usando da palavra no Bairro «Liberdade»

SOLIDARIEDADE DE MAPUTO PARA A PROVÍNCIA DE INHAMBANE

Francisco Matola Matlonga, do Grupo de Makwayela dos TPU, narrou aos habitantes do Bairro «Liberdade» a criminosa acção dos bandidos armados, que a 20 de Janeiro último atacaram um autocarro de passageiros, fazendo a ligação Inhambane — Maputo.

Aquele grupo prestigioso da capital do País foi em serviço àquela província, sendo portador da solidariedade de Maputo para com as populações de Inhambane. No dia 31 de Dezembro actuámos em Inhambane, na Feira Económica e depois iríamos a todos os distritos da província, disse. Explicou que face a determinados problemas criados pelos bandidos armados, tornou-se difícil a sua deslocação a todos os locais, como estava previsto.

Quando a 20 de Janeiro regressavam à capital do País, num autocarro, onde seguiam para cima de 60 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, os bandidos armados fizeram uma emboscada, cerca de 300 metros antes de Cumbana. Ouvimos três tiros de pistola e seguiram-se rajadas, contou. A roda dianteira do autocarro foi atingida, pelo que virou, tendo caído do lado das

Centenas de moradores do Bairro «Liberdade» foram postos perante factos concretos das acções dos bandidos armados, na tarde do último sábado. Primeiro, pelo membro do Comité do Partido da Cidade de Maputo, Jaime Levi, que historiou a formação daqueles bandos, desde o tempo da Rodésia do Sul, relatando a terminar as suas acções presentes, que se assemelham às dos búfalos feridos, razão pela qual deu especial destaque à necessidade de se intensificar a vigilância a nível dos quarteirões do bairro.

Dois sobreviventes de acções dos bandidos armados relataram em seguida as circunstâncias em que foram alvo das mesmas. Alexandre Vasco dos Anjos, trabalhador dos CFM-Sul, contou aos presentes o que acontecera quando seguia numa zorra daquela empresa, que se deslocara em missão de serviço a Chicualacuala, em Maio de 1982. Iamos em cumprimento da nossa missão de trabalhadores, explicou, adiantando que seguiam naquele veículo três pessoas.

Eram 12.40 horas e estava um dia com bom sol, quando ouvimos tiros, prosseguiu, dizendo que o sangue frio do condutor da zorra é que impedira o pior, uma vez que a acelerou, saindo da área de fogo. Um elemento dos Serviços de Fiscalização dos CFM-Sul, de nome Raposo, foi ferido,

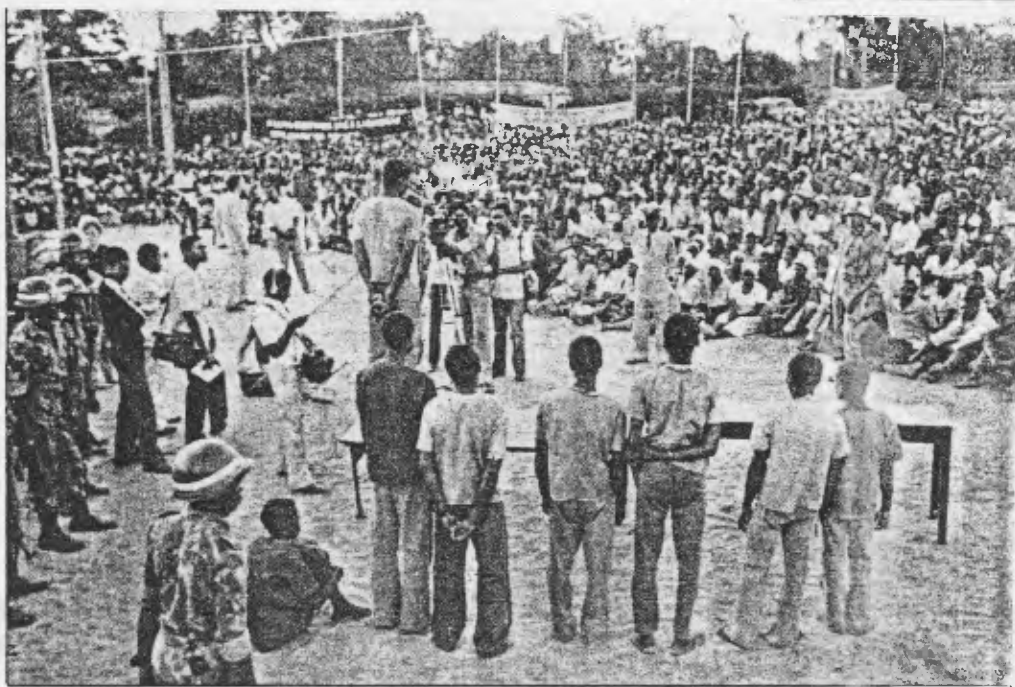
vindo a falecer dada a perda de sangue e a impossibilidade de o evacuar com urgência. A acção decorreu na área de Combomune e foram socorridos em Mapai, pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Alexandre Vasco dos Anjos disse que não iam fardados, nem armados. Observou que os bandidos armados sabiam que a seis quilómetros do local onde nos atacaram havia militares e eles não foram lá, porque tinham medo.



O membro do Comité Central, Aurélio Manhica, dirigindo o comício que se realizou no Bairro Comunal «Luís Cabral», onde também foram apresentados oito bandidos armados

portas. Só se ouviam gritos de mulheres e crianças, acrescentou Francisco Matlonga. Disse que os sobreviventes tentaram sair pela janela da frente da viatura, tendo alguns sido atingidos a tiro. O chefe do grupo de Makwayela dos TPU, quando saiu, os bandidos armados disseram «aquele é para abater porque é o chefe», mas as balas acabaram-se e ele conseguiu fugir. Os mortos e feridos que ficaram dentro do autocarro foram em seguida queimados pelas chamas que os bandidos armados lhe deitaram. A terminar disse que os bandidos armados têm como objectivo matar pessoas indezadas, destruir a nossa economia nacional e saquear os bens do povo. Acrescentou que estes fac-



Bandidos armados apresentados à população do Bairro Comunal «Luís Cabral»



«Os bandidos armados sabiam que a seis quilómetros havia militares e eles não foram lá porque tinham medo», disse Alexandre Vasco dos Anjos dos CFM-Sul

tos eram constatados pela realidade que tinha vivido.

BANDIDOS ARMADOS E O ÓDIO NO «LIBERDADE»

Depois dos factos relatados por aqueles dois sobreviventes, Jaime Levi perguntou aos presentes se queriam ver bandidos armados, que haviam sido capturados ultimamente pelas nossas forças na Província do Maputo. Em uníssonos, a resposta foi: «queremos». Oito bandidos armados deram em

seguida a entrada no centro do círculo de habitantes do Bairro «Liberdade». Centenas de vozes cantaram: «Mabandido Yita Madlhaya» (Vamos Matar os Bandidos). As suas faces mostravam medo. Postos perante o Povo, a sua agressividade desaparecia.

Três dos oito bandidos armados narraram as suas trajectórias. Foram Arone William Hélder, José Botão e José Alberto Lumbela.

O primeiro, 31 anos, foi colocado na Maragra, onde trabalhou como 2.º oficial mecânico-auto, depois de ter sido alvo das medidas da «Operação Produção»



«Só se ouviam gritos de mulheres e crianças», disse Francisco Matlonga, do Grupo de Makwayela dos TPU

em Maputo. Disse ter sido capturado pelos bandidos armados, quando já trabalhava há quatro meses na Maragra e fora visitar familiares.

Tive treinos de dois meses, após o que fomos para a Aldeia da Barragem. Pelo caminho roubávamos coisas às populações, disse. Em Combomune voltaram a fazer o mesmo. Depois 400 bandidos armados foram mandados para Maputo. Arone William Hélder disse que a sua missão era fazer o reconhecimento de pontes e outros alvos estratégicos. Chegou à capital do País, tendo sido capturado no dia 30 de Março, quando estava numa das pontes da Matola. Do grupo a que pertencia e que veio para a capital, faziam parte 62 elementos, segundo disse.

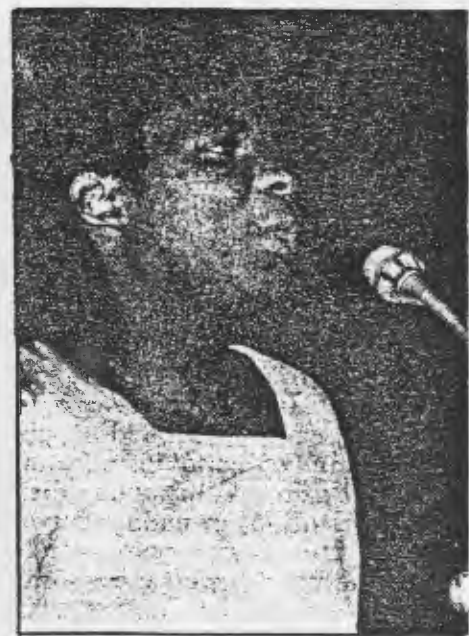
José Botão, outro dos bandidos que falou, está naquelas hordas desde 1979. Teve formação militar durante três anos na África do Sul. Foi lançado de pára-quedas na Província do Maputo, já em 1984. É natural da Gerongosa, onde teve os primeiros treinos. Foi ferido, após o que seguiu para a África do Sul, onde recebeu formação. Disse ter participado num ataque a um comboio e ter forçado, pelas armas, a população a dar-lhe comida. Caiu numa emboscada das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), altura em que foi feito prisioneiro. José Botão disse que se havia entregue, no decorrer da acção.



«Pelo caminho roubávamos coisas às populações», Arone William Hélder, desde 1983 nos bandidos armados



José Botão, desde 1979 fazendo parte das hordas dos bandidos armados e com três anos de treinos na África do Sul



O violador de menores, de nome José Alberto Lumbela e autor de dois assassinatos, porque, segundo disse «o comandante é que mandou matar»

José Alberto Lumbela, de estatura pequena, foi também treinado na África do Sul. Disse que tinha morto duas pessoas, porque **o comandante é que mandou matar**. Conhecido como violador de menores, detalhou que havia violado uma menor antes de ser bandido armado e outras três depois de já o ser. Tendo-lhe sido perguntada a idade das menores, situou-a nos dez anos.

Quando foi capturado pelas nossas forças era portador de um rádio «Xirico» e outros artigos.

Explicando a origem desses bens, disse que lhe tinham sido oferecidos pelos chefes. Explicou que **roubava para os chefes**.

Depois de cada um dos bandidos ter feito a sua exposição os presentes eram convidados a fazer perguntas. Várias pessoas manifestaram o desejo de colocar questões, o que permitiu conhecer melhor a sarha assassina daqueles malfeteiros. Já depois de terminada a exposição daqueles três bandidos houve pessoas que se destacaram da assistência e subi-

ram ao palanque onde eles se encontravam e espancaram alguns deles. As forças de segurança controlaram a situação naquele momento, tendo-os conduzido, de imediato para a viatura que os tinha ali levado. Uma grande manifestação de ódio, por parte da população, teve lugar. Atiraram pedras, paus e outros objectos semelhantes, até que a viatura se retirou do local. □